

Pedro Acioly Teixeira

**Escravidão:
um estudo sobre preços em Pernambuco**

Brasília, DF

2019

Pedro Acioly Teixeira

**Escavidão:
um estudo sobre preços em Pernambuco**

Monografia apresentada ao Departamento de
Economia da Universidade de Brasília (UnB)
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Econômicas.

Universidade de Brasília
Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas
Departamento de Economia

Orientador: Flávio Rabelo Versiani

Brasília, DF

2019

Pedro Acioly Teixeira

Escravidão:

um estudo sobre preços em Pernambuco/ Pedro Acioly Teixeira. – Brasília, DF, 2019-
64 p. : il. (algumas color.) ; 30 cm.

Orientador: Flávio Rabelo Versiani

Monografia – Universidade de Brasília

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas
Departamento de Economia, 2019.

1. Escravidão. 2. História Econômica. 3. Economia Brasileira. I. Orientador:
Flávio Rabelo Versiani. II. Universidade de Brasília. III. Faculdade de Economia,
Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas. IV. Escravidão: um
estudo sobre preços em Pernambuco

Pedro Acioly Teixeira

**Escravidão:
um estudo sobre preços em Pernambuco**

Monografia apresentada ao Departamento de
Economia da Universidade de Brasília (UnB)
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Econômicas.

Trabalho aprovado. Brasília, DF, 01 de julho de 2019:

Flávio Rabelo Versiani
Orientador

Luiz Paulo Ferreira Nogueurol

Convidado 2

Brasília, DF
2019

Este trabalho é dedicado aos grandes economistas em cujos ombros subimos hoje.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, Luciana Acioly e Alexandre Teixeira, por todo o apoio dado a mim desde sempre (inclusive na escolha desta carreira como economista) e às minhas irmãs Maria Clara, Miriam, Tamires e Jennifer. Agradeço ao meu primo Wallace e à minha tia Cida.

Agradeço ao Titã, meu amigo de infância que percorreu praticamente toda essa jornada comigo.

Gostaria de agradecer também aos meus amigos de longa data Walison e André, os quais o tamanho das histórias juntos dispensam muitos comentários.

Aos meus amigos de graduação, aqui prestam-se minhas menções honrosas a Pedro Flores, Guilherme Torelly, Matheus Alves "Alvim" da Silva, Niara Carnaúba e Tiago Lima, por todo o caminho que trilhamos juntos desde o início. Agradeço ao Giovanni Castiglioni pelos bons conselhos prestados esses anos.

Agradeço também aos meus amigos João Isídio, Bernardo Lembi e Bernardo Mendes pelo gigante apoio dado neste momento final de graduação. Agradeço também a todos os demais amigos e colegas que eu conheci neste percurso.

Agradeço aos meus amigos de ensino médio, em especial ao "big four": Carlos Normura, João Paulo Menezes, Lucas Moreira e Pedro Moreth.

Em um parágrafo especial, agradeço à Laura Khouri, uma das pessoas mais incríveis que eu tive o prazer de conhecer.

Agradeço também a todos os colegas do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) com os quais eu pude usufruir de ótimas experiências profissionais e de inúmeros aprendizados.

Por fim, agradeço aos professores importantíssimos de minha graduação: Geovana Lorena Bertussi, José Guilherme de Lara Resende e ao meu orientador Flávio Versiani, com o qual desde o início deste ciclo tive a oportunidade de trabalhar. Agradeço à todos os outros professores que fizeram parte de minha formação até então.

““

()

Resumo

Este estudo objetiva descrever e aprofundar análises sobre os preços de escravos em Pernambuco, ao longo do século XIX. Trata-se de focalizar, em especial, na comparação dessa variável entre cativos do sexo masculino e feminino e, ainda, na comparação entre escravos de origem africana com aqueles nascidos em território brasileiro.

Palavras-chave: Escravidão. Escravidão em Pernambuco. Preços de Escravos. História Econômica. Economia Brasileira.

Abstract

This study aims to describe and deepen analyzes of slave prices in Pernambuco during the 19th century. In particular, the focus is on comparing this variable between male and female captives and also comparing values between slaves born in Africa with those born in Brazil.

Keywords: Slavery. Slavery in Pernambuco. Slavery Prices. Economic History. Brazilian Economic History.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Gráfico: Possibilidade de convergência de preços em dois mercados diferentes	25
Figura 2 – Gráfico: Histórico de preços dos escravos em Libras Esterlinas	30
Figura 3 – Gráfico: Histórico de preços de escravos no Agreste. Em Libras.	32
Figura 4 – Gráfico: Histórico de preços de escravos no Recife. Em Libras	32
Figura 5 – Gráfico: Histórico de preços de escravos no Sertão. Em Libras	33
Figura 6 – Gráfico: Histórico de preços de escravos na Zona da Mata. Em Libras	33
Figura 7 – Gráfico : Histórico de preços de escravos por sexo.	35
Figura 8 – Gráfico: Relação oferta e demanda por escravos: África e Brasil	48
Figura 9 – Gráfico: Histórico de preços de escravos: Africanos x Brasileiros.	51
Figura 10 – Gráfico: Histórico de preços de escravos: Africanos x Brasileiros, dos 15 aos 50 anos.	52
Figura 11 – Gráfico: Histórico de preços dos escravos em Libras Esterlinas	61
Figura 12 – Gráfico: Histórico de preços dos escravos em contos de réis	61
Figura 13 – Gráfico: Relação oferta e demanda por escravos: África e Brasil	62

Lista de tabelas

Tabela 1 – Preços dos escravos por faixa-etária, origem e sexo. Trabalho Rural sem qualificação. Em Libras.	37
Tabela 2 – Preços dos escravos por faixa-etária, origem e sexo. Trabalho doméstico sem qualificação. Em Libras	37
Tabela 3 – Preços dos escravos brasileiros no Trabalho Rural sem Qualificação. Segmentado por períodos. Em Libras	41
Tabela 4 – Preços dos escravos no brasileiros no Trabalho Doméstico sem Qualificação. Segmentado por períodos. Em Libras	42
Tabela 5 – Preços dos escravos no Trabalho Doméstico sem Qualificação para 1800-1849. Zona da Mata x Recife. 16-50 anos. Em Libras.	44
Tabela 6 – Preços dos escravos no Trabalho Doméstico sem Qualificação para 1850-1888. Zona da Mata x Recife. 16-50 anos. Em Libras.	44
Tabela 7 – Preços dos escravos no trabalho doméstico sem qualificação para 1860-1885 em Recife. Pequenos e Grandes plantéis. Em Libras.	46
Tabela 8 – Preços dos escravos africanos x brasileiros (15 a 50 anos), para o período entre 1800-1849 e 1850-1888. Em Libras.	53
Tabela 9 – Preços dos escravos africanos x brasileiros, para o período entre 1800-1849, por região e sexo na faixa etária de 15-50 anos. Em Libras.	54
Tabela 10 – Resultados da estimação do modelo.	58

Sumário

	Introdução	21
1	PREÇOS	29
1.1	Históricos de Preços por Região	31
1.2	Históricos de Preços por Sexo	34
2	DIFERENÇAS DE PREÇOS	37
3	DIFERENÇAS DE PREÇOS ENTRE SEXOS	41
3.1	Preços próximos e produtividade	46
4	DIFERENÇAS DE PREÇOS ENTRE AFRICANOS E BRASILEIROS	51
5	ABORDAGEM ADICIONAL	57
6	CONCLUSÃO	59
7	APÊNDICE	61
8	REFERÊNCIAS	63

Introdução

O tráfico de escravos para a América, assim como a composição da população de cativos africanos em território americano, foi marcado por uma maioria absoluta do número de homens em relação ao número de mulheres. Observa-se que mais de 60% do total dos escravos transportados nos navios negreiros eram homens.

Assim, tem sido questionado no meio acadêmico o porquê de existir essa diferença.

A explicação mais antiga para esse fato é a suposição de que os traficantes compravam mais homens que mulheres no mercado africano porque os plantadores demandavam mais homens para os trabalhos arduamente braçais na lavoura. Ou seja, os produtores teriam maior disposição a pagar para comprar escravos do sexo masculino e os traficantes se orientavam a partir dessa preferência (ELTIS; ENGERMAN, 1992)¹. Desse modo, isso justificaria o fato de que quase dois terços dos cativos transportados para o Novo Mundo serem homens. Assim, esse argumento se relaciona a ideia da existência de uma preferência do lado da demanda.

Ademais, há também uma mais recente explicação para essa disparidade, que está relacionada ao lado da oferta. O papel desempenhado pela mulher na escravidão africana (a qual precedeu a escravidão em território americano por mais de um milênio) era maior e mais importante em termos de horas de trabalho (VERSIANI; VERGOLINO; NOGUERÓL, 2016). Isso, portanto, refletia em uma maior demanda por escravas dentro da África, o que tornava o preço relativo mais elevado em relação aos cativos homens dentro desse mercado. Lovejoy e Richardson (1995), entre outros pesquisadores, comprovam tal teoria. Dessa forma, os traficantes estariam inclinados a levar para a América mais escravos homens, a alternativa mais barata (LUNA; KLEIN, 2009).

Como citado imediatamente acima, há um consenso sobre o impacto da oferta na composição de gênero do tráfico de escravos. No entanto, não há concordância quanto aos impactos do lado da demanda nessa determinação. O próprio Herbert Klein, por exemplo, afirma que não havia qualquer preferência dos senhores de engenho ou cafeicultores, uma vez que tanto mulheres quanto os homens (em termos gerais) eram utilizados nas mesmas atividades, mesmo em lavouras e plantações. Assim, a composição diferente do plantel era resultado apenas do que os traficantes vendiam: mais homens que mulheres. Uma evidência empírica sustentada pelo autor em *African Slavery in Latin America and the Caribbean* é que, ao comparar os preços de escravos para trabalho não qualificado, a diferença do preço de um cativo do sexo masculino e de uma escrava era muito pequena - cerca de

¹ “Other evidence includes the numerous records of instructions to slaver captains in all branches of the trade to buy only males, and the well-known fact that heavy work intensities were associated with the cultivation of sugar on plantations.” Eltis e Engerman (1992, p. 238).

10-20%. Além disso, apenas podia ser observada na faixa de idade mais produtiva - que não é especificada pelo autor (KLEIN, 1986).

Por outro lado, Lovejoy e Richardson (1995), apesar de – assim como Klein – evidenciarem o papel da oferta, se inclinam no sentido de também argumentar a importância do lado da demanda na composição do tráfico transatlântico. Ao fazer uma série de comparações de preços para escravos dentro da África, eles chegaram ao resultado de que na costa do continente, olhando para as mesmas faixas de idade, os preços dos homens eram sempre mais elevados. No entanto, ao verificarem os dados para o interior africano, as mulheres permaneciam com os preços mais altos.

Portanto, os autores indicaram que, apesar da oferta ditar em parte o comércio de escravos, a demanda também foi fator influente, o que explicaria a variação do valor dos cativos homens e mulheres na costa (onde ocorria o comércio com os europeus) e no interior (em vista do comércio interno e para o norte da África). Logo, como a mulher desempenhava uma função mais importante nas sociedades africanas em termos de trabalho, a maior demanda por elas se refletia nos preços no mercado interno. O inverso ocorreria na escravidão em terras americanas: a maior demanda por força física nas lavouras, engenhos e nos plantations, elevava o valor dos cativos homens.

Ademais, Versiani, Vergolino e Nogueról (2016) também indicam uma importante influência do lado da demanda na composição de homens e mulheres no tráfico transatlântico: para diferentes atividades havia diferentes proporções entre escravos e escravas dentro dos plantéis. Ou seja, dependendo da atividade, havia mais interesse em utilizar mão-de-obra masculina ou feminina.

Ao analisarem inventários pernambucanos por categoria de atividade e olhando somente para os escravos nascidos no Brasil (já que nessa categoria há a mesma proporção de homens e de mulheres) os autores perceberam que para atividades rurais havia a preferência pelo uso de força de trabalho masculina, enquanto para atividades domésticas predominava o uso de escravas. A explicação para a maior intensidade na utilização de cativos homens no meio rural está na demanda por força, enquanto as escravas dessa categoria se encarregavam de tarefas menos rígidas em termos de exigência física. Por outro lado, o uso mais frequente de cativos do sexo feminino nas atividades domésticas esteve muito ligado a uma questão cultural conservadora da época: o ambiente doméstico era mais feminino, no qual as sinhás passavam a maior parte do tempo em casa. Assim, era mais apropriada a presença de escravas no convívio doméstico com as sinhás do que, obviamente, a de escravos homens.

Claramente, tanto a preferência no meio rural por homens quanto à preferência doméstica por mulheres evidenciam que a demanda era importante determinante da compra de escravos no tráfico. Desse modo, dado que a quantidade de escravos no meio rural era maior em relação ao meio urbano é natural pensar que se demandavam mais escravos

homens do que mulheres, o que, em última instância, provavelmente gerou o maior fluxo transatlântico cativos homens (sem ignorar o lado da oferta, claro). Ademais, usando a mesma amostra de inventários, mas usando uma metodologia diferente, Teixeira (2018) chegou a resultados similares.

No entanto, ambos os trabalhos não aprofundaram uma análise mais detalhada sobre o comportamento dos preços para ambos os sexos ao longo do tempo. Versiani, Vergolino e Nogueról (2016), ao observarem o comportamento dos preços para o período de 1800-1849 encontraram que, para a escravidão doméstica não qualificada, os preços das escravas eram superiores ao dos homens. Já Teixeira, calculando para o período de 1860 a 1885, concluiu que o preço relativo das mulheres era menor.

Assim, é preciso entender melhor o que causava as diferenças de preços para que se possa de fato concluir se havia ou não preferências diferentes pelos gêneros dos cativos.

Portanto, ainda permanece em aberto uma questão chave sobre a discussão: o comportamento dos preços dos escravos e escravas é de fato um bom indicador da existência de preferência por parte dos senhores?

Os dados e as estimativas mostram que aproximadamente dois terços do tráfico transatlântico eram compostos por homens. Klein (1983) indica que esse número está entre 66% e 75% do total de cativos desembarcados na América. O autor questiona se essa diferença era resultado de i) fatores ligados à oferta e a demanda; ii) se era consequência da preferência dos plantadores; iii) se era causada por um custo maior incorrido pelos navegadores traficantes para a compra de mulheres; iv) ou mesmo se os africanos mantinham as mulheres isoladas do mercado.

Klein (1983) nega a ideia tradicional de que havia essa preferência por gênero e que os plantadores estariam dispostos a pagar mais por mão de obra masculina, argumentando que os preços em quase todas as sociedades escravocratas da América eram muito similares entre escravos e escravas (mais ainda para o trabalho não qualificado), o que era reflexo direto de uma produtividade parecida de ambos os sexos. Mais ainda, o autor afirma que era mais comum nos campos de trabalho a maior parte da força bruta ser composta por mulheres, o que evidenciaria a não preferência por sexo por parte dos plantadores.

No entanto – como já abordado - usando dados de escravos para Pernambuco Versiani, Vergolino e Nogueról (2016) mostraram que havia uma expressiva predominância de mão de obra masculina no trabalho rural (qualificado ou não) ao longo de todo o século XVIII, indo fortemente de encontro à afirmação de Klein (1983).

Ademais, o primeiro argumento utilizado pelo autor – de que os preços similares indicariam produtividades semelhantes entre os gêneros – necessita de uma análise mais profunda. Se o mercado para escravos e escravas fosse um só (com uma única oferta e demanda independente do gênero) a afirmativa de Klein pode ser verdadeira. Ou seja,

se realmente não houvesse qualquer preferência dos senhores de escravos haveria apenas uma demanda e uma oferta que agregariam ambos os sexos como um todo, visto que não existiria nenhuma diferenciação entre o gênero dos escravos em seus usos como mão de obra. Mais brevemente, a oferta seria dada pela soma do número de mulheres e do número de homens, e a demanda seria apenas uma demanda por escravos (não importante em nenhuma hipótese o sexo).

Se essa ideia de existência de um único mercado for verdadeira, o preço realmente refletiria a não-preferência dos plantadores pelo sexo dos cativos.

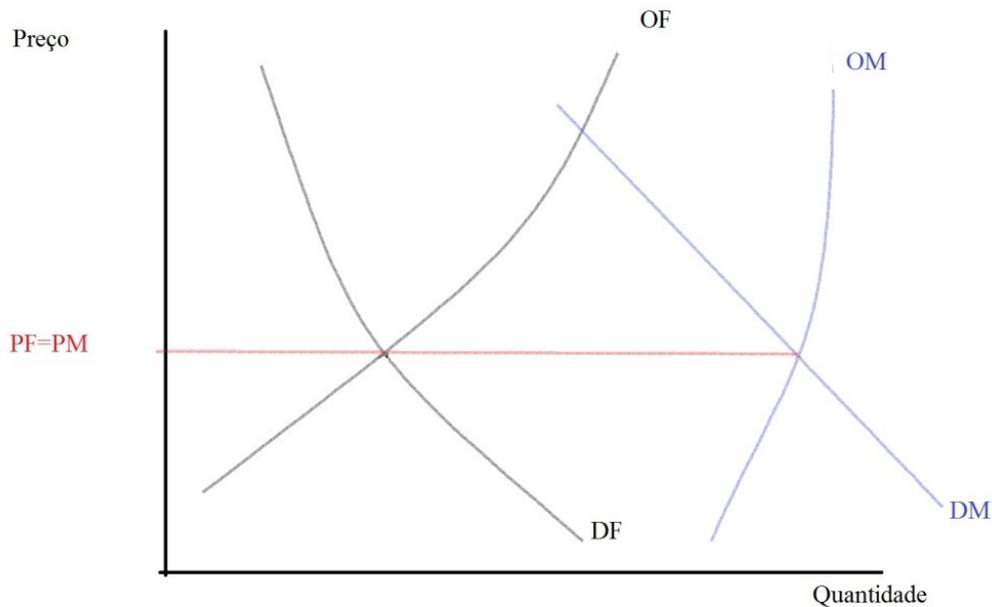
Como já abordado, entretanto, as diferentes proporções entre escravos e escravas na composição dos plantéis nos diferentes tipos de trabalho encontradas no trabalho de Versiani, Vergolino e Noguéról (2016) indicam que para cada setor, havia uma preferência específica dos senhores pelos gêneros. Controlando para apenas os cativos nascidos no Brasil (grupo o qual a proporção entre os sexos é obviamente a mesma), quase dois terços do trabalho rural não qualificado era dominado por mão de obra masculina. Enquanto para a escravidão doméstica sem qualificação, a proporção se inverte: usando a mesma metodologia, a razão de homens nesse tipo de atividade era de apenas 30%. Para o trabalho qualificado, tanto no campo quanto na cidade, a disparidade é ainda mais assustadora: no meio rural quase todos os escravos qualificados da amostra são homens; no âmbito doméstico, quase 90% da composição é de mulheres. Teixeira (2018) corrobora com essa conclusão. Portanto, esses resultados rejeitam em certo grau a ideia de que havia um só mercado de escravos como sugere Klein (1983).

Naturalmente, a conclusão de Versiani, Vergolino e Noguéról (2016) aproxima o leitor a entender que havia forças de mercado diferentes para os diferentes sexos (com uma oferta e uma demanda gerada pela diversa preferência para cada um).

Vale ressaltar: o fato argumentado por Klein de que os preços para escravos e escravas eram muito similares em quase toda a América - e que isso era um indicativo de um nível de produtividade semelhante e de não preferência dos produtores - (KLEIN, 1983) também não implica necessariamente na conclusão que existia um só mercado independente do sexo e suas conclusões podem não serem verdadeiras. É plenamente possível que, devido a vários fatores que serão analisados ao longo do artigo, forças de demanda e oferta diferentes para os sexos convergissem para um nível de preços parecidos (mesmo sendo dois mercados diferentes).

O Gráfico abaixo ilustra essa hipótese, na qual existem um mercado para cada gênero e ainda assim os preços convergem para um mesmo valor.

Figura 1 – Gráfico: Possibilidade de convergência de preços em dois mercados diferentes



Elaboração própria. OF representa a oferta feminina e OM é a oferta masculina para o trabalho escravo. DF e DM são as demandas por escravas e escravos, respectivamente. PF e PM, são os preços de mercado para cada um dos sexos.

Além disso, como citado no início do texto, Teixeira (2018) encontra um resultado divergente e de certo modo inesperado em relação ao trabalho de Versiani, Vergolino e Nogueról (2016) na comparação de preços. Para o período de 1860 a 1885 o preço dos escravos homens é consideravelmente mais alto em relação ao das mulheres para o trabalho doméstico sem qualificação, em qualquer faixa etária. À primeira vista, o resultado é contraintuitivo, uma vez que a demanda por escravas era maior nesse tipo de atividade, o que levaria – em uma análise simples e tudo o mais constante – a preços mais elevados para esse grupo.

No entanto, a divergência encontrada nesses dois trabalhos pode ser um indicativo adicional de que o mercado não deve ser analisado como um só, mas sim separadamente. Isto é, vários fatores e características diferentes dos homens e das mulheres poderiam influenciar na disposição a pagar por escravos ou escravas por parte dos senhores.

Todavia, se por um lado a divergência de resultados entre os dois trabalhos pode reforçar a ideia de que o mercado para cativos de cada sexo deveria ser analisados separadamente, é preciso entender melhor o que causava as diferenças de valor para que se possa de fato concluir se havia ou não preferências diferentes pelos gêneros dos cativos.

Dessa maneira, o propósito do artigo é justamente aprofundar e detalhar a análise sobre os preços. Para isso será usada a mesma amostra de inventários utilizada no trabalho

de Versiani, Vergolino e Nogueról (2016) já discutido acima. Nela, há cerca de quatro mil inventários com dados para mais de 20 mil escravos desde 1800 a 1885. O maior empecilho que deverá ser encontrado ao desenvolver o trabalho será certamente entender o desconhecido comportamento da inflação ao longo do século XIX, no qual se sabe que ocorreram alguns surtos inflacionários. Teixeira (2018) tentou contornar essa questão selecionando um intervalo de 25 anos (entre 1860 e 1885) a ser analisado, como tentativa de diminuir o grau de distorção causada pela variação dos preços. Versiani, Vergolino e Nogueról (2016) compararam para o período de 1800 a 1849, imediatamente antes da Lei Eusébio de Queiroz, e também fizeram uma comparação mais geral para o período completo com escravos acima de 15 anos de idade. No entanto, os autores não aprofundaram a questão do comportamento de preços no período.

No entanto, o método de selecionar um intervalo de tempo relativamente curto para contornar os efeitos da inflação do período – como fez Teixeira (2018) - acaba por trazer algumas limitações indesejáveis. Em primeiro lugar, a robustez dos dados fica de certo modo comprometida, no sentido que passa a existir uma limitação para uma análise mais plural dos dados em intervalo de tempos maiores. O ideal seria poder comparar os dados de modo a encaixar todo o período de 1800-1885 dentro da análise. Ademais, mesmo com intervalos mais curtos para estudo, esse método ainda assim pode não evitar que seja capturado um desequilíbrio de preços provocado pela inflação no período selecionado, mesmo que minimizado.

Portanto, para o aprofundamento analítico da questão, seria de interesse o conhecimento do comportamento dos preços ao longo do século XIX, ou uma nova metodologia que conseguisse evitar o problema e assim possibilitasse maior grau de liberdade para o uso das informações disponíveis nos inventários. Para isso, assim, a solução encontrada foi a conversão dos preços dos escravos de Mil-réis (moeda brasileira da época) para Libra Esterlina.

A ideia é que, partindo do pressuposto que a Libra possuiu uma variação de valor mais bem comportada e conhecida em relação ao Mil-réis, a comparação de preços em Libras trará melhores resultados econômicos ao tirar o viés advindo das variações de valor do Mil-réis. Assim, será possível confrontar preços de escravos em diferentes épocas com certa exatidão de que não há um viés inflacionário que implique em erros analíticos e, portanto, permitir que sejam comparados preços de escravos ao longo de todo o século XIX.

A transformação dos valores será feita utilizando como base o trabalho “Exchange rates of the mil-réis (1795-1913)” de Heitor Moura Filho, com uma metodologia que será mais bem detalhada mais a frente. Mais ainda, esse artigo é útil no sentido de evidenciar os períodos nos quais se deve atentar a grandes depreciações/apreciações cambiais que não foram levadas em conta nos artigos anteriores já mencionados e que certamente podem ter

sido determinantes do preço dos escravos no momento. Por exemplo, elevadas subidas do câmbio foram notadas na Guerra do Paraguai e na década da abolição. Portanto, também é necessário entender o melhor modo para se estudar o comportamento dos preços dos escravos nesse período.

Além disso, o presente artigo tem a intenção de estudar o padrão de preços em momentos específicos do século XIX. Por exemplo, é reportado na literatura um aumento no preço relativo dos escravos do sexo masculino após a Lei do Ventre Livre, de 1871. Ademais, outras datas como a abolição britânica em 1807, a Lei Eusébio de Queiroz de 1850 e outros eventos históricos relacionados ao período da escravatura podem evidenciar comportamentos ou padrões novos os quais se tem a intenção de verificar.

1 Preços

Com a transformação dos valores constados nos inventários de Mil-Réis para Libras é perceptível que a variação desses preços ao longo dos anos é menor. Nesse caso foram realizados dois testes para constatar a maior eficiência adquirida pelo uso da série em Libras.

Em primeiro lugar, a variância da série em Libras foi de fato menor. Todavia, esse resultado em si era esperado, visto que o valor dessa moeda sempre foi bem abaixo do valor do Mil-réis em termos absolutos. Entretanto, é notável que se dividíssemos a variável preço em mil-réis por uma constante, também obteríamos uma série de preços para a nova variável com uma variância menor. Todavia, isso não indica que seria necessariamente mais eficiente trabalhar com essa última variável. Em outras palavras, por si só, não é possível afirmar que é melhor trabalhar com a série em Libras apenas por conta desse fato.

Assim, o segundo teste para o uso da série em Libras foi comparar a média de preços da série em Mil-Réis dos trinta primeiros anos da amostra com a média de preços dos últimos trinta anos, também em Mil-Réis. Constatou-se que a média de preço desse segundo período foi perto de sete vezes maior em relação ao primeiro. Logo após, repetiu-se os mesmos passos com a série em Libras. O mesmo exercício com a série em Libras mostra que a relação de preços do segundo período pelo primeiro é de menos de duas vezes, indicando que os preços subiram de fato menos para o período nessa moeda.

Isso indica que a transformação de moeda ajudou a evitar em parte o efeito da inflação, uma vez capturado em certo grau na taxa de câmbio. Em suma, a série em libras demonstrou uma evolução mais bem comportada. Vale ressaltar que seria intuitivamente possível observar a validade de se trabalhar com a série em Libra apenas comparando os gráficos das séries em Libras e Mil-Réis, mostrados no apêndice deste texto.

O Gráfico abaixo apresenta a média de preço dos escravos por ano em libras, no período completo de 1800 a 1885. É notável uma tendência crescente e constante entre 1800 e 1848. A partir desse ano até 1859 percebe-se uma elevação de mais de três vezes no preço dos cativos. Após esse período, há uma notável queda do preço médio, chegando a atingir em 1884 valores próximos aos dos primeiros anos da série.

Figura 2 – Gráfico: Histórico de preços dos escravos em Libras Esterlinas



Fonte: inventários. Elaboração própria.

A explicação para o elevado aumento de preços entre 1850 e 1859 pode ser dada devido à aplicação da Lei Eusébio de Queiroz em 1850. Considerada a primeira lei abolicionista brasileira de fato aplicada, a proibição da chegada de embarcações negreiras ao Brasil pode ter ocasionado em um primeiro momento uma mudança de expectativa em relação ao fim do tráfico e da escravidão. Isso refletiria em um aumento dos preços de imediato e durante alguns anos.

Como mostra o gráfico, os efeitos reais da Lei parecem ter sido significativos, diferentemente da lei de 1831 – que não foi aplicada na prática -. Portanto, o aumento de preços parece ser justificado por uma última corrida para a aquisição de escravos da parte dos senhores. De fato, esse é um argumento muito presente na literatura¹

No entanto, Nogueról, Versiani e Vergolino (2016) afirmam que, apesar desse fato ter ocorrido, é provável que o aumento nos preços dos escravos nesse período tenha sido dado por outro motivo: uma nova expansão da demanda por açúcar no mundo. Os autores observaram que a série de preços apresentada para Pernambuco aponta uma tendência muito similar à série de preços de escravos em Cuba, onde o tráfico de escravos ocorreu até 1866 e também grande produtora de açúcar. Portanto, caso esse efeito do aumento exponencial de preço no Brasil tivesse sido causado pela aplicação da Lei Eusébio de Queiroz, esse mesmo comportamento não deveria ser encontrado em Cuba.

¹ Por exemplo: E.V. Costa (1966, p.56); Eisenberg (1974, p.153); Stein (1957, p.65, 229).

De fato, essa visão possui uma forte sustentação empírica. O próprio trabalho dos autores traz uma série de dados mostrando que, tanto em Cuba quanto em Pernambuco, a produção de açúcar cresceu bastante em volume. Essa visão ainda é sustentada por Friginals, Klein e Engerman (1983).

Ademais, as abolições da escravidão em outros países do continente americano ao longo do século XIX e as promulgações de outras leis abolicionistas em território brasileiro certamente sinalizaram aos donos de escravos que estaria se encaminhando o fim da escravidão também no Brasil. Desse modo, é possível que a tendência à queda do valor notada nos últimos 28 anos tenha ocorrido devida a uma tentativa dos senhores de venderem seus escravos, na intenção evitar a perda total dos seus investimentos em uma possível e próxima abolição.

O gráfico apresentado acima agrega de forma simples todas as observações da amostra de inventários. Assim, para uma análise mais detalhada, pode ser interessante desagregar esses dados em menores níveis para verificar o comportamento dos preços por região, sexo, entre outras variáveis de interesse.

1.1 Históricos de Preços por Região

Essa subseção visa abordar de forma sucinta o comportamento dos preços dos cativos por região. Em vista disso, os dados foram desagregados em quatro regiões: Agreste, Recife, Sertão e Zona da Mata, de acordo como classificado na amostra de inventários utilizada.

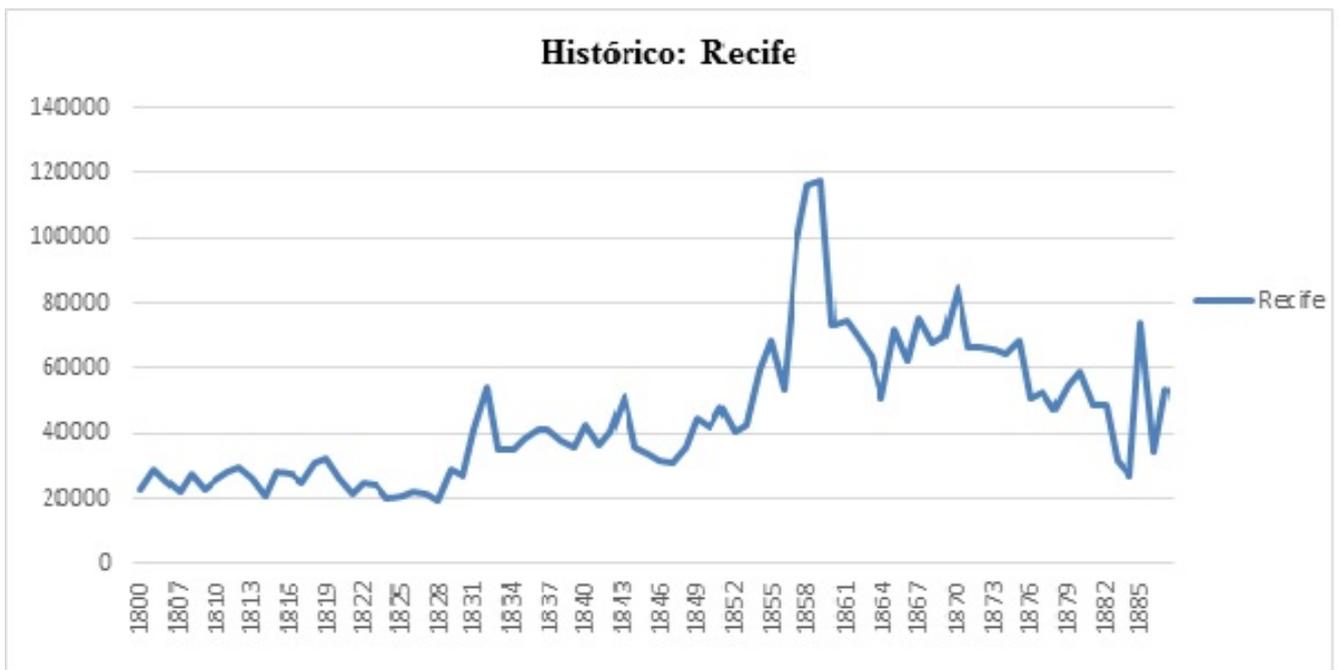
Cabe ressaltar que, na prática, as atividades econômicas de cada região eram, em geral, diferentes. No Agreste, por exemplo, predominava o cultivo de algodão. Em Recife, é possível que tenha ocorrido uma escravidão de caráter predominantemente urbano. Por sua vez, a Zona da Mata é notabilizada por ter sido a grande produtora de açúcar em Pernambuco, enquanto que no Sertão a escravidão estava mais ligada à criação de gado nas fazendas.

Figura 3 – Gráfico: Histórico de preços de escravos no Agreste. Em Libras.



Fonte: inventários. Elaboração própria.

Figura 4 – Gráfico: Histórico de preços de escravos no Recife. Em Libras



Fonte: inventários. Elaboração própria.

Figura 5 – Gráfico: Histórico de preços de escravos no Sertão. Em Libras



Fonte: inventários. Elaboração própria.

Figura 6 – Gráfico: Histórico de preços de escravos na Zona da Mata. Em Libras



Fonte: inventários. Elaboração própria.

É perceptível que os gráficos de cada região acima seguem aproximadamente o mesmo padrão de comportamento do gráfico 1. Dessa maneira, os resultados inclinam o leitor a concluir que os fenômenos dos preços, incluindo os relacionados às leis abolicionistas já mencionadas, aconteceram de modo geral. Em outras palavras, independentemente da região dos escravos as questões políticas aparentemente influíram nas oscilações de valor com certo grau de paralelismo.

É interessante notar que a região de Recife apresenta uma média de preços mais altos ao longo da série em relação às demais regiões. Em segundo lugar, em relação à média

de preços, aparece a Zona da Mata, todavia a sua diferença de média obtida em relação a Recife é estatisticamente sem significância². Por fim, o Agreste e o Sertão são as duas regiões em que o histórico de valor dos escravos apresentado está em um patamar mais baixo³. Essa observação pode ser interessante para supor acerca da diferença de renda e produtividade média entre as regiões.

Com os resultados extraídos do gráfico, abre-se a possibilidade de questionar que talvez essa diferença de preços tivesse sido causada pela diferença na disponibilidade de pagar por mão-de-obra escrava. Assim, parte da diferença de valor encontrada entre essas quatro regiões poderia ser explicada por um maior nível de renda, assim como maior nível de produtividade da mão-de-obra, em Recife e na Zona da Mata, em relação ao Agreste e o Sertão.

Entretanto, chama a atenção que, nos cálculos realizados, a média de preço dos escravos entre 1800 e 1849 é muito pequena entre as regiões, tornando-se mais expressivas pós 1850⁴. Esse detalhe pode ser melhor observado no capítulo 4, o qual trata da diferença de preços entre brasileiros e africanos também, por região, justamente na primeira metade do século XIX. Portanto, é preciso aprofundar melhor a análise desses dados para que se possa estabelecer uma conclusão forte sobre este tópico, que acaba por fugir em parte do escopo deste artigo.

1.2 Históricos de Preços por Sexo

Outro ponto interessante para a análise é observar o desenvolvimento histórico dos preços dos escravos por sexo. Inclusive, como levantado na introdução, a preferência por gênero poderia estar refletida ou não nos preços de venda, dependendo de como funcionava de fato a estrutura do mercado.

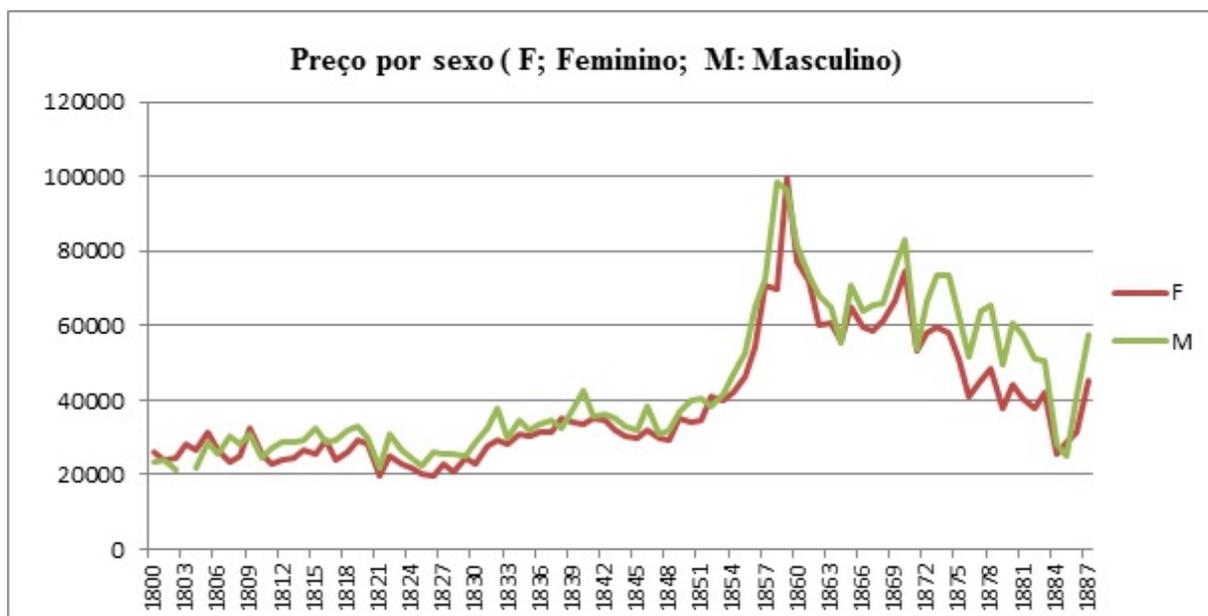
Assim, o gráfico abaixo desagrega os dados em questão para homens e mulheres. A ideia era verificar se o comportamento dos preços foi semelhante para ambos os grupos ou, caso contrário, se o formato verificado no gráfico 1 fora apenas a resultante do somatório das duas curvas ao acaso.

² As médias dos preços das séries históricas foram (em Libras): Agreste: 37.830,06; Recife: 45.053,57; Sertão: 32.112,22; Zona da Mata: 42.962,56

³ A diferença da média do Agreste (a segunda menor em termos de preço) em relação média da Zona da Mata é significativa a 5%, para o teste unicaudal. Cabe ainda ressaltar que a diferença de média entre o Agreste e o Sertão (menor valor entre as séries) é significativa a 1%

⁴ As médias dos preços das séries históricas entre 1800 e 1849 foram (em Libras): Agreste: 28.032,81; Recife: 30.880,83; Sertão: 24.372,80; Zona da Mata: 31.334,25

Figura 7 – Gráfico : Histórico de preços de escravos por sexo.



Fonte: inventários. Elaboração própria.

Portanto, é notável que os preços também seguem um comportamento próximo na comparação entre os sexos, com os escravos homens sendo cotados – em média – marginalmente mais caros. Esse resultado já era esperado, assim como fora discutido na introdução. Vale ressaltar novamente que esse foi um dos argumentos de Klein (1983) para afirmar que as produtividades de ambos os sexos eram semelhantes. Mais a frente, essa discussão será outra vez aprofundada, em que será argumentado contra essa conclusão.

Outro ponto significativo evidenciado no gráfico acima é a discrepância dos valores a partir de 1871. Percebe-se que a partir desse ponto a diferença de valor entre cativos homens e escravas visivelmente se eleva em relação ao período anterior, o que – em outras palavras – expressa a queda do preço relativo das mulheres.

Esse fenômeno ocorreu devido à promulgação da Lei do Ventre Livre em setembro do mesmo ano. Entende-se que parte do valor de mercado atribuído às escravas na época era devido à sua função reprodutiva. Em outras palavras, a capacidade de gerar de lucro futuro advindo do nascimento e criação de crianças escravas - seja pela venda ou como uso da mão-de-obra futuramente - era precificada no valor das escravas (CONRAD; MEYER, 1958). Com a promulgação da lei em 1871, a impossibilidade de obter retornos financeiros através da reprodução levou, portanto, a uma queda no valor relativo das mulheres.

Portanto, dada essa breve análise do comportamento dos preços, as próximas seções têm como objetivo explorar aspectos mais específicos do mercado. No próximo capítulo será traçado um quadro comparativo do período em questão, desagregando os dados por idade, sexo e origem. A partir dele, serão constatados alguns pontos que merecem maior

atenção e exames mais cautelosos, os quais serão investigados ao longo do artigo nos capítulos subsequentes. A ideia é poder tomar o melhor entendimento possível sobre os dados de preço e tentar fechar as lacunas de conhecimento com enfoque em dois debates: i) as diferenças entre os gêneros; ii) a diferença entre escravos brasileiros e africanos.

2 Diferenças de Preços

Em linha com o que fora abordado, essa seção se ocupa em verificar - ao longo do século XIX - as discrepâncias de preço por atividade, sexo, origem e idade dos escravos. A possível contribuição deste tópico em adição aos trabalhos anteriores será a factibilidade de observar os preços dos escravos ao longo de todo o período. Isso porque a conversão em Libras resulta em menores preocupações com a inflação brasileira da época e assim permitirá maior robustez do estudo, como fora abordado anteriormente.

A Tabela 1 abaixo organiza as informações relativas ao trabalho rural não qualificado, enquanto a Tabela 2 relaciona-se ao trabalho doméstico sem qualificação.

Tabela 1 – Preços dos escravos por faixa-etária, origem e sexo. Trabalho Rural sem qualificação. Em Libras.

	Faixa Etária	Africanos homens	Africanos mulheres	Brasileiros homens	Brasileiros mulheres
1	0-15	35.636,5 (14)	39.778,8 (6)	63.205,3 (44)	51.634,4 (27)
2	16-35	38.402 (255)	34.682,6 (70)	71.219,8 (210)	59.674,1 (112)
3	36-50	40.563,8 (161)	37.874,9 (40)	50.789,9 (41)	38.172,8 (29)
4	50+	20.385,1 (58)	20.144,7 (17)	30.721,3 (20)	18.403,6 (8)

Elaboração própria. Fonte: Inventários. Em parênteses se encontram o número de observações.

Tabela 2 – Preços dos escravos por faixa-etária, origem e sexo. Trabalho doméstico sem qualificação. Em Libras

	Faixa Etária	Africanos homens	Africanos mulheres	Brasileiros homens	Brasileiros mulheres
1	0-15	42.200,5 (22)	30.010,1 (21)	57.429,5 (67)	61.947,6 (102)
2	16-35	33.437,7 (54)	37.699,3 (118)	83.611 (92)	71.324,5 (241)
3	36-50	40.073,2 (34)	38.730,7 (65)	68.846,6 (20)	63.586,2 (64)
4	50+	20.861,8 (19)	25.411,5 (21)	29.851,9 (3)	24.381,8 (15)

Elaboração própria. Fonte: Inventários. Em parênteses se encontram o número de observações.

A primeira vista pode parecer contra intuitivo a grande discrepância entre o preço dos escravos brasileiros em relação aos de origem africana. De fato, a literatura aponta para

uma preferência dos senhores por escravos brasileiros. Esses, falantes do idioma português e já adaptados ao meio e ao trabalho, possuiriam vantagens em relação a aqueles nascidos na África, o que em última instância teria refletido em preços relativamente mais caros dos nativos¹.

Ainda assim, a expressiva diferença de preços entre esses dois grupos parece sugerir que há algo além de apenas uma questão de preferência por parte dos senhores. A explicação para esse fato parece estar principalmente ligada à mudança de proporção entre esses dois grupos ao longo do século discutido, em especial devido ao fim do tráfico em 1850. Nas palavras de Versiani, Vergolino e Nogueról (2016):

“O fim do tráfico, em 1850, não parece ter modificado a utilização relativa de homens e mulheres nas várias atividades. [...] A proporção de africanos na amostra diminui acentuadamente entre 1800-1849 e 1850-1888, como era de esperar, passando de 79% para 16% do total de escravos dessas duas categorias, em Pernambuco.” (2016, p. 314).

Somando-se isso ao fato de que após 1850 houve um disparo nos preços dos escravos – justamente no momento em que a grande maioria dos cativos passaria a ser brasileira – a média de preço do grupo brasileiro foi puxada fortemente para cima. Por outro lado, o grupo de escravos africanos, em proporção reduzida após o fim do tráfico, ficou sujeito em fração menor a este efeito de preço, implicando em um aumento bem mais brando, comparativamente, em sua média.

As questões acima explicitam a necessidade de uma análise mais cuidadosa dos dados para esses grupos. Mais a frente, será dedicado um capítulo para a análise comparativa entre brasileiros e africanos, visando explorar essas questões levantadas acima.

Outro ponto que demanda esclarecimentos é a questão da faixa etária entre zero e 15 anos de idade. Em um primeiro momento parece que a classificação entre domésticos e rurais não faz muito sentido, devido a pouca idade dos cativos. De fato, apesar de constar nos inventários a classificação desses escravos com sua respectiva atividade exercida, isso parece ter acontecido mais por uma questão de comodidade ou necessidade do que pelo fato de ainda crianças os cativos já serem designados a tais atividades.

No entanto, dados de listas de classificação para emancipação comumente mostram que a profissão era definida (pelos senhores) já a partir dos sete ou oito anos de idade. Portanto, para a faixa etária de 0-15 anos os dados podem não apresentar um reflexo tão acurado da real situação de mercado da época. Todavia, para este trabalho essa questão não deve interferir nos resultados e, além disso, a classificação foi utilizada para separar

¹ "Acredita-se geralmente que os negros crioulos e os mulatos aprendem mais depressa um ofício que os africanos. Essa aptidão superior de aproveitar o que aprendem é, sem dúvida, devido ao conhecimento desde a infância com a linguagem e maneiras dos amos." (KOSTER, 2002)

esses escravos mais jovens daqueles nas faixas de idade mais produtivas (de 16-35 anos e de 36-50 anos). De fato, esse problema parece ser mínimo para a análise.

3 Diferenças de Preços entre Sexos

Feitas as ressalvas acima, é curioso notar que se por um lado a diferença de valor entre homens e mulheres para o grupo de escravos africanos parece ser mínima, para o grupo brasileiro ela é bastante notável. Isso indica que provavelmente, existe algum fator exógeno que atinja um dos grupos e não o outro e implique nessa diferenciação. Cabe ressaltar que, se não existir nenhum fato que explique isso, o nível da diferença percentual entre os preços de homens e mulheres deveria ser muito próxima para ambos os grupos.

Versiani, Vergolino e Noguieról (2016), utilizam o período de comparação entre 1800 e 1850 e encontram justamente que os preços entre os gêneros são muito parecidos, tanto entre os pertencentes ao grupo africano quanto àqueles pertencentes ao grupo brasileiro. A primeira vista, um fato que pode parecer chave para essa explicação é a Lei do Ventre Livre: como visto no capítulo 2, ocorreu uma desvalorização no valor relativo da mulher.

Portanto, para melhor análise, mostra-se necessária uma segmentação mais precisa dos dados. A seguir, serão apresentados os dados de preço para escravos brasileiros, porém divididos em três períodos: entre 1800-1849; de 1850-1871; e de 1872-1888.

Nota-se nelas, a proximidade maior do preço dos brasileiros no comparativo com os africanos para o período de 1800-1849 (vide Tabela 1 e Tabela 2), fato que será analisado mais adiante no artigo.

Tabela 3 – Preços dos escravos brasileiros no Trabalho Rural sem Qualificação. Segmentado por períodos. Em Libras

	Ano	Homens	Mulheres	Diferença
1	1800-1849	32423,5 (84)	30151,7 (40)	8%
2	1850-1871	86722,5 (83)	68194,5 (51)	27%
3	1872-1888	70743,4 (148)	56603,7 (102)	25%

Elaboração própria. Fonte: Inventários Em parênteses se encontram o número de observações.

Tabela 4 – Preços dos escravos no brasileiros no Trabalho Doméstico sem Qualificação. Segmentado por períodos. Em Libras

	Ano	Homens	Mulheres	Diferença
1	1800-1849	28308,4 (29)	32132,8 (65)	-12%
2	1850-1871	93526 (78)	85683,8 (172)	9%
3	1872-1888	66258,8 (77)	60312,0 (188)	10%

Elaboração própria. Fonte: Inventários. Em parênteses se encontram o número de observações.

Em resumo, as tabelas acima mostram que, tanto para o trabalho rural quanto para o trabalho doméstico não qualificado, a partir de 1850 o preço relativo dos escravos homens aumentou¹. Este fato está em linha com o argumentado em relação ao aumento mundial da demanda por açúcar a partir dessa mesma década, o que elevou a demanda por escravos em curto espaço de tempo (abordado no capítulo 2). Como o trabalho braçal masculino era o predominante no cultivo do açúcar, é crível pensar que o choque de demanda elevou mais que proporcionalmente o valor dos escravos em relação ao das escravas.

De acordo com Noguéról, Versiani e Vergolino (2016): “Como a demanda por escravos do sexo masculino predominava, nas atividades da lavoura (ver o capítulo 11 deste livro), isso poderia influenciar um aumento de preços concentrado em escravos homens.” (2016, p. 267).

Todavia, pode-se levantar a questão que esse mesmo aumento de preços não deveria ter ocorrido no setor doméstico sem qualificação. Aliás, se houve um aumento de demanda por açúcar, a escravidão doméstica não deveria se manter intacta em relação aos seus preços? Em um exame mais aprofundado, a resposta para essa pergunta é que a inflação no valor dos cativos foi na realidade generalizada devido a esse mesmo deslocamento da demanda mundial por açúcar. E parecem existir duas explicações para isso.

i) A classificação como escravidão sem qualificação em qualquer âmbito (isto é, serviço de enxada e serviço de casa e rótulos análogos a esses) de não indica que todos os escravos exerciam as mesmas atividades. Em outras palavras, escravos com a mesma designação de serviço de casa deveriam ter funções diferentes, em especial, de acordo com seu sexo.

Em primeiro lugar, pode-se especular que os homens provavelmente ainda eram

¹ Para o trabalho rural sem qualificação aceitou-se a hipótese de que os escravos homens eram mais caros a 1% de significância nos períodos de 1850 a 1871 e de 1872 a 1888. Porém também rejeitou-se essa hipótese no período entre 1800-1849.

Já para o trabalho doméstico sem qualificação, a mesma hipótese foi aceita a 5% de significância nos anos entre 1850 a 1871 e entre 1872 a 1888. Porém rejeitou-se essa hipótese no período entre 1800-1849.

designados a serviços envolvendo força física enquanto as escravas a afazeres tipicamente domésticos. Por exemplo, um cativo do sexo masculino que fora designado em serviço doméstico não qualificado poderia comumente trabalhar na Casa-Grande e ao mesmo tempo trabalhar na lavoura ou em transporte de cargas entre Lavoura e Casa-Grande. Possivelmente, tarefas consideradas mais pesadas, intensivas em esforço e exercidas fora do ambiente interno das casas eram exercidas pelos homens: serviços de rua, trabalhos com carruagens, entre outros, são serviços domésticos que exemplificam essa situação. Por outro lado, as escravas dividiam os ambientes domésticos com as sinhás e sinhazinhas e dificilmente saíam desse meio.

Ademais, é plausível afirmar que não existiam barreiras ao exercício de atividades domésticas e rurais ao mesmo tempo por um mesmo escravo, especialmente nas áreas fortemente produtoras de açúcar dentro de Pernambuco. Dessa forma, é natural que principalmente os homens fossem utilizados em ambos os meios.

ii) Diretamente ligado ao fato acima mencionado, um aumento de demanda por açúcar e, conseqüentemente, por cativos para o cultivo de cana-de-açúcar (mais concentrada no sexo masculino) deveria levar a uma transferência de mão de obra do ambiente doméstico para o cultivo.

Isso em especial devido à inelasticidade da oferta de escravos no curto prazo (na verdade, extremamente inelástica após a abolição do tráfico em 1850). Desse modo, pode-se pensar que, na tentativa de conseguir força de trabalho adicional, senhores de engenho poderiam ter recorrido à utilização e até mesmo à compra de escravos do ambiente doméstico. Naturalmente espera-se que essa compra se desse majoritariamente por escravos homens, mais demandados no meio rural.

Posto isso em vista, é plenamente factível que, por conta da utilização de escravos homens do meio doméstico nos engenhos ou em atividades correlacionadas, a ampliação da produção de açúcar em 1850 deve ter elevado o preço desse grupo mais que proporcionalmente no comparativo com o grupo feminino do mesmo meio.

No entanto, para que a análise acima seja verdadeira, é necessário evidenciar se de fato existiu essa utilização dupla da mão-de-obra escrava no ambiente puramente doméstico e concomitantemente nas lavouras. Em outras palavras, é importante confirmar se os escravos possuíam uma função estritamente doméstica ou se também atuavam mutualmente no campo e na Casa-Grande.

Para verificar a questão acima, uma solução alternativa seria analisar o diferencial de preços entre homens e mulheres em um meio no qual existisse apenas a possibilidade do uso da mão de obra estritamente no ambiente doméstico e comparar com o diferencial em um meio no qual teoricamente seria possível utilizar escravos tanto no nesse ambiente quanto no meio rural. Dessa maneira, foram segmentados os dados separando a escravidão

doméstica ocorrida na Zona da Mata da escravidão em Recife.

Como a escravidão em Recife possuía um caráter predominantemente urbano, é razoável supor que as tarefas dos escravos eram de fato estritamente domésticas. Ou seja, independentemente do panorama corrente, estes estariam sempre encarregados dos serviços de casa. Por outro lado, na Zona da Mata, principal produtora de açúcar, é factível que existisse a possibilidade de ampla utilização da mesma mão-de-obra doméstica para atividades diversas, inclusive na lavoura.

Dessa maneira, se realmente existia a possibilidade de utilização da mão-de-obra em ambos os meios rural e urbano, tem-se que a expansão de demanda por açúcar notada a partir dos anos de 1850 deve ter elevado o preço dos escravos homens em um nível maior onde essa dupla utilização era permitida, isto é, na Zona da Mata. Isso implicaria em uma diferença de preço entre homens e mulheres ainda maior.

As tabelas abaixo organizam essas informações:

Tabela 5 – Preços dos escravos no Trabalho Doméstico sem Qualificação para 1800-1849. Zona da Mata x Recife. 16-50 anos. Em Libras.

	Região	Homens	Mulheres	Diferença
1	Zona da Mata	33.113,6 (34)	31.031,7 (54)	7%
2	Recife	29.991,8 (63)	31.748,6 (155)	-6%

Elaboração própria. Fonte: Inventários. Em parênteses se encontram o número de observações

Tabela 6 – Preços dos escravos no Trabalho Doméstico sem Qualificação para 1850-1888. Zona da Mata x Recife. 16-50 anos. Em Libras.

	Região	Homens	Mulheres	Diferença
1	Zona da Mata	93558 (19)	65823,9 (73)	42%
2	Recife	83927,4 (162)	73185 (442)	15%

Elaboração própria. Fonte: Inventários. Em parênteses se encontram o número de observações.

Observa-se que de fato, após a fase de expansão da produção de açúcar, a razão de preços entre os sexos é bem maior na Zona da Mata, indicando que o aumento de demanda por homens para o trabalho braçal nas lavouras levou também ao uso e aumento de preço dos escravos homens que na teoria seriam trabalhadores domésticos, devido aos motivos acima.

É interessante notar que no período entre 1800 e 1849, a diferença entre preços por sexo era muito pequena (e estatisticamente significativa apenas na Zona da Mata, a 5%) em qualquer uma das duas regiões. Após a expansão produtiva da cana-de-açúcar, essa diferença se elevou em 35 pontos percentuais na Zona da Mata, enquanto em Recife o salto foi de 21%.

Das tabelas acima nota-se também que para o período entre 1860 e 1885 os preços para qualquer sexo e em qualquer região são vastamente maiores que os valores encontrados no período anterior. É concebível questionar se a expansão do açúcar realmente deveria ter impactado tanto o preço dos escravos na escravidão urbanizada de Recife. Aliás, o impacto do açúcar não deveria influenciar nos preços apenas da Zona da Mata? A solução dessa pergunta passa por entender justamente a possibilidade de mobilidade de mão-de-obra, em parte já discutida.

Assim como dentro da escravidão doméstica parece ter sido possível uma dupla utilização da mão-de-obra também no meio rural, é muito provável existia certo grau de mobilidade de trabalho entre as regiões de Pernambuco. Logo, se o preço dos escravos em uma região subia provavelmente isso aconteceria também nas demais regiões e, caso contrário, existiriam possibilidades de ganhos elevadíssimos de arbitragem entre as localidades.

Para ilustrar melhor, se, por exemplo, o preço dos escravos homens na Zona da Mata tivesse passado da casa dos 30 Mil-Réis para a casa dos 90 Mil-Réis enquanto em Recife tivesse se mantido em cerca de 30 Mil-Réis seria possibilitado que traficantes comprassem uma grande quantidade de escravos em Recife para vender na Zona da Mata, auferindo lucros elevados. Caso isso ocorresse, em curto espaço de tempo as forças de mercado levariam a uma maior proximidade de preços entre as regiões, evitando assim grandes discrepâncias no longo prazo.

Isso não quer dizer, entretanto, que os preços deveriam ser necessariamente iguais nas duas regiões. As condições de arbitragem levam apenas a conclusão que não deveriam existir diferenças gigantescas de preços entre as localidades porque os agentes racionalmente aproveitariam a oportunidade para obterem lucro sem risco, e também levam a ideia de que as variações de preços em uma das regiões deveriam ter paralelo com as outras. Mas vários outros fatores - a exemplo da própria demanda por bens agrícolas como cana de açúcar ou algodão, ou mesmo por serviços domésticos - ainda explicam muito bem as diferenças de valores encontradas entre grupos e regiões.

Portanto, de fato a expansão da demanda mundial por açúcar levou a aumentos generalizados de preço. Todavia, como analisado acima, esse crescimento se deu com força ainda maior no valor dos escravos do sexo masculino, como esperado. Ainda mais, esse movimento gerou uma discrepância mais considerável na Zona da Mata, onde é razoável supor que os escravos que trabalhavam em serviços na Casa Grande poderiam também ser

utilizados na lavoura. Como homens eram mais demandados para o serviço no campo, a expansão da produção açucareira puxou ainda mais o preço relativo dos cativos homens em relação às mulheres nessa região em relação ao Recife, onde se supõe uma escravatura estritamente urbana.

Adicional a essa evidência, podemos ter um efeito mais claro ainda se dividirmos – dentro da escravidão em Recife – por tamanho do plantel de escravos. Na atividade agrícola de larga escala o plantel de escravos utilizados na produção era maior em número em relação às atividades de produção em pequena escala e no ambiente doméstico.

Dessa forma, mesmo em Recife, os grandes plantéis formados por mais de 10 escravos possivelmente estavam relacionados a atividades de maior escala, enquanto os plantéis pequenos provavelmente estariam associados a atividades tipicamente urbanas. Separando os dois efeitos, temos:

Tabela 7 – Preços dos escravos no trabalho doméstico sem qualificação para 1860-1885 em Recife. Pequenos e Grandes plantéis. Em Libras.

	Tipo de Plantel	Homens	Mulheres	Diferença
1	Plantéis pequenos	82808,6 (128)	73744,7 (374)	12%
2	Plantéis grandes	88139,5 (34)	68946,3 (67)	28%

Elaboração própria. Fonte: Inventários. Considerando plantéis grandes aqueles com mais de 10 escravos e pequenos aqueles com 10 ou menos cativos. Em parênteses se encontram o número de observações.

É notável que, de acordo com o afirmado anteriormente em relação à escravidão ser predominantemente urbana em Recife, a quantidade de escravos pertencentes a grandes plantéis deveria ser bem menor do que o montante de escravos presentes em pequenas divisões, e isso de fato ocorre. Ademais, nota-se que a diferença de preço entre homens e mulheres para os pequenos planteis é ainda menor, o que corrobora com a hipótese anterior do tópico.

3.1 Preços próximos e produtividade

As tabelas 3 e 4 evidenciam uma comparação robusta entre homens e mulheres na escravidão rural e doméstica. Alguns autores sustentam que não existiam diferentes preferências quanto ao sexo dos escravos baseados em especialmente em dois pontos: i) ambos os homens e mulheres exerciam as mesmas atividades, inclusive nas lavouras e plantações; ii) os preços dos cativos não eram muito diferentes entre os sexos. Ambos os pontos aparecem defendidos em Klein (1983) e Klein (1986). Assim, a maior razão de

homens transportados no tráfico transatlântico, assim como na formação dos plantéis em terras brasileiras, seria apenas reflexo do que os traficantes obtinham na África: cativos do sexo masculino, a preços mais baratos, compunham a maior parte dos transportados ao Brasil (LUNA; KLEIN, 2009).

Sobre essa discussão, vale analisar cada um desses pontos detalhadamente. Primeiramente, em relação à afirmação de que tanto homens quanto mulheres exerciam as mesmas atividades, esse ponto já vem sendo investigado exaustivamente. O capítulo 1 desse artigo redireciona a essa discussão, bastante explorada em (VERSIANI; VERGOLINO, 2016) e em Teixeira (2018). As evidências desses trabalhos apontam que para cada forma diferente de trabalho (doméstico ou rural, qualificado ou não), havia uma proporção diferente de homens e mulheres como mão-de-obra. Em outras palavras, tais autores apontam uma forte evidência de que os senhores possuíam preferências distintas pelo sexo do escravo dependendo da atividade a ser exercida. Quanto a esse tópico, pode valer a pena ao leitor fazer uma rápida visita ao primeiro capítulo e os textos citados.

Em segundo lugar é notável ressaltar que uma proximidade de preços entre os dois sexos também não indica a ausência de preferência por cativos. O capítulo 1 também passa rapidamente por esse ponto. Todavia, ele será examinado mais detalhadamente nessa seção, utilizando os resultados obtidos.

Klein (1986) encontra que para o trabalho não qualificado, a diferença do preço de um cativo do sexo masculino e de uma escrava era pequena e apenas observada na faixa de idade mais produtiva. Essa diferença estaria na casa dos 10% a 20%. Pode-se argumentar que os resultados aqui obtidos com a amostra utilizada não estão muito distantes dos resultados encontrados pelo autor.

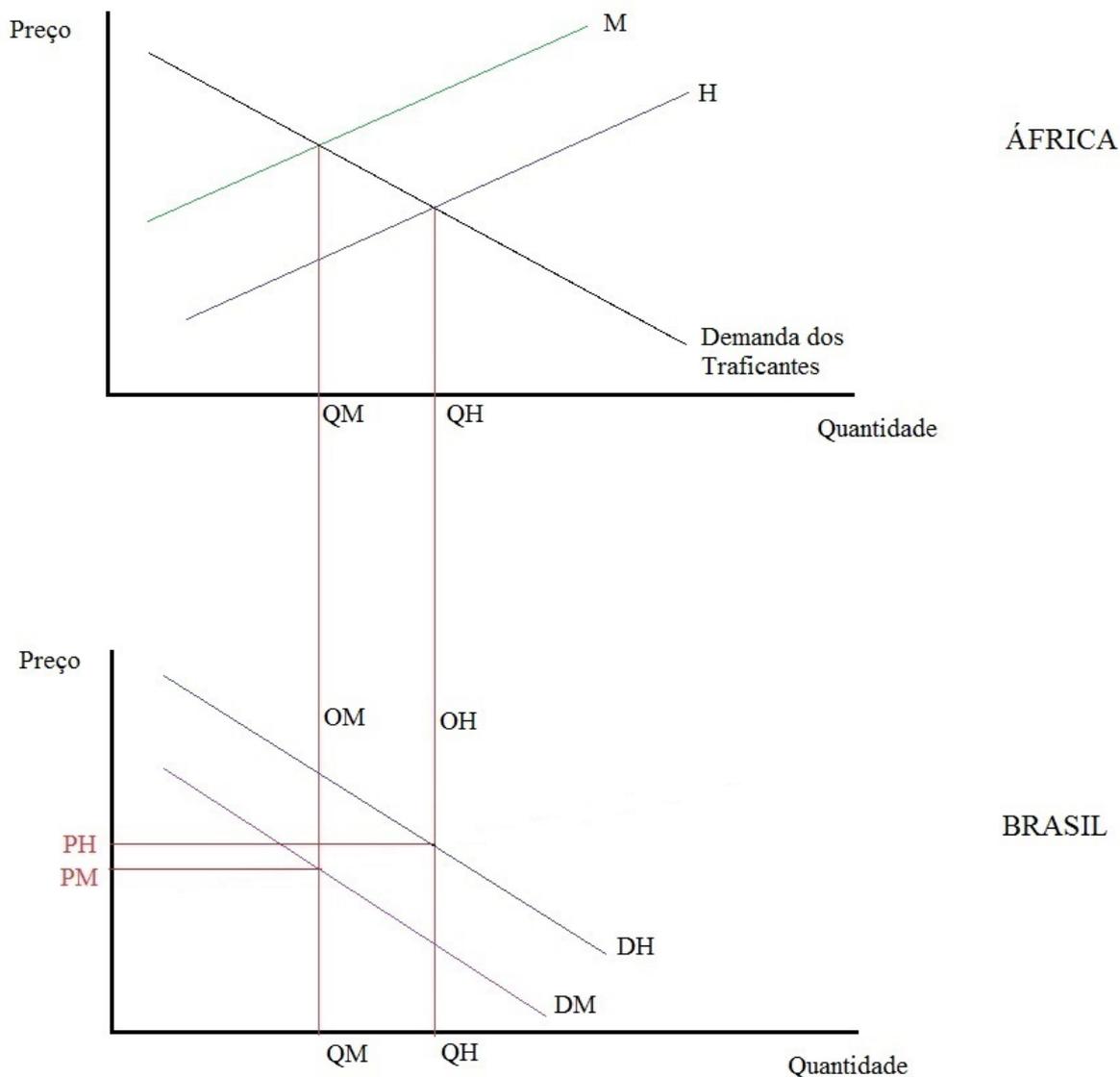
De fato, a diferença só é acima de 20% para o trabalho não qualificado rural nos períodos de 1850- 1871 e de 1872-1888, sendo ambos significantes a 1%. Em relação à escravidão doméstica não qualificada, as diferenças de média calculadas de 1850-1871 e de 1872-1888 beiram 10%, sendo estatisticamente significantes a 5%. No período entre 1800-1849 as diferenças de média encontradas tanto para o serviço doméstico quanto para o serviço de campo (ambos sem qualificação) não possuem significância estatística.

No entanto, aqui se podem apontar dois pontos interessantes: antes de tudo, as diferenças de preço médio no trabalho não qualificado de cerca de 10% encontrada para o meio doméstico pós 1850 e no campo de 25% entre 1850-1871 e de 27% entre 1872-1888 não podem ser consideradas pequenas entre os gêneros. Ainda mais se tratando de mão-de-obra com algum grau de substituição entre si. Se o preço dos escravos homens fosse excessivamente maior em relação a sua diferença de produtividade para as mulheres no meio rural, os senhores poderiam substituir em parte pelo uso de mão de obra feminina (caso a razão preço-produtividade das escravas fosse menor que essa razão para os escravos homens).

Dessa maneira, é difícil pensar que um cativo do sexo masculino poderia custar duas vezes o valor de uma escrava, por exemplo. Hipoteticamente, para que isso acontecesse teria que ser razoável pensar que a produtividade desse primeiro grupo deveria ser próxima de o dobro da produtividade feminina, o que parece extremamente difícil de afirmar. Portanto, uma diferença de preços superior a 20% entre os sexos já não parece pequena.

Ademais, é plenamente possível que a divergência de preços desses dois grupos fosse pequena e ainda assim tenha existido preferência dos senhores de escravos por determinado sexo dada específicas situações. Mesmo considerando que, na África, as condições de oferta fossem diferentes. Os gráficos abaixo ilustram esse cenário.

Figura 8 – Gráfico: Relação oferta e demanda por escravos: África e Brasil



Fonte: inventários. Elaboração própria. As legendas das curvas se encontram no apêndice

Note no gráfico que a oferta de escravos em território brasileiro é equivalente a

demanda dos traficantes em território africano. Assim, essa ilustração, parte da abordagem de que os traficantes eram indiferentes a quem levar em suas embarcações, e, portanto, as quantidades de homens e mulheres no mercado eram determinadas especificamente pela oferta na africa. Em outras palavras, aqui se parte do pressuposto de que os traficantes não se orientavam pela vontade dos senhores de escravos, pelo menos no curto prazo. Esse ponto está consoante com a ideia de Luna e Klein (2019).

No entanto, nota-se que mesmo que isso seja verdade, isso não exclui a possibilidade de diferentes preferências. Ainda mais, percebe-se que a existência dessas preferências não implica em divergências de preços necessariamente elevadas, como se observa na proximidade entre PH e PM. Dessa maneira, aponta-se que ainda que os preços entre os escravos do grupo masculino e do grupo feminino fossem próximos – o que, como acima mencionado, não apresenta ser uma afirmação bem acurada – esse não parece ser um bom argumento para uma não existência de preferências específicas pelos senhores por determinado gênero.

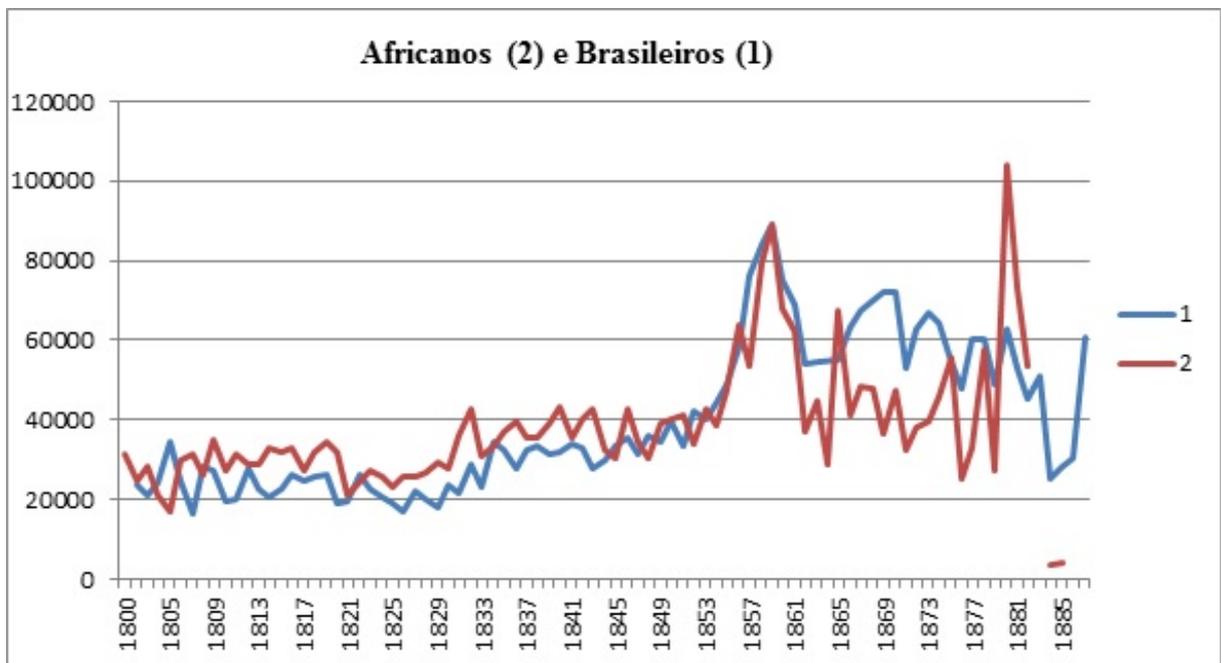
Portanto, somando-se isso ao fato de que os preços parecem apresentar uma diferença considerável (não somente no sentido estatístico, mas também teórico) aos outros aspectos apresentados no corpo do texto e também às revisões de literatura, a pesquisa apresentada nesse artigo aproxima-se de não rejeitar a ideia de preferência diferentes por sexos.

4 Diferenças de Preços entre Africanos e Brasileiros

Retomando a discussão gerada pelos resultados mostrados nas Tabelas 1 e 2, os dados para escravos brasileiros e africanos indicam que os preços dos primeiros parecem ser bem mais elevados. Todavia, como fora argumentado previamente, isso provavelmente se deu porque o grupo de escravos brasileiros – maioria na segunda metade do século – sofreu em uma proporção maior com os efeitos da expansão açucareira a partir de 1850 em relação aos cativos estrangeiros que já se tornavam escassos. Para retomar essa argumentação, o início do capítulo 3 trata justamente sobre essa explicação.

Dessa forma, esse capítulo trata justamente de investigar e comparar os efeitos e o histórico acerca dos preços de ambos os grupos. O gráfico abaixo revela como os preços se comportaram ao longo do século XIX.

Figura 9 – Gráfico: Histórico de preços de escravos: Africanos x Brasileiros.



Fonte: inventários. Elaboração própria. A classificação dos inventários indica a utilização do número 1 para os escravos brasileiros e o número 2 para os escravos estrangeiros.

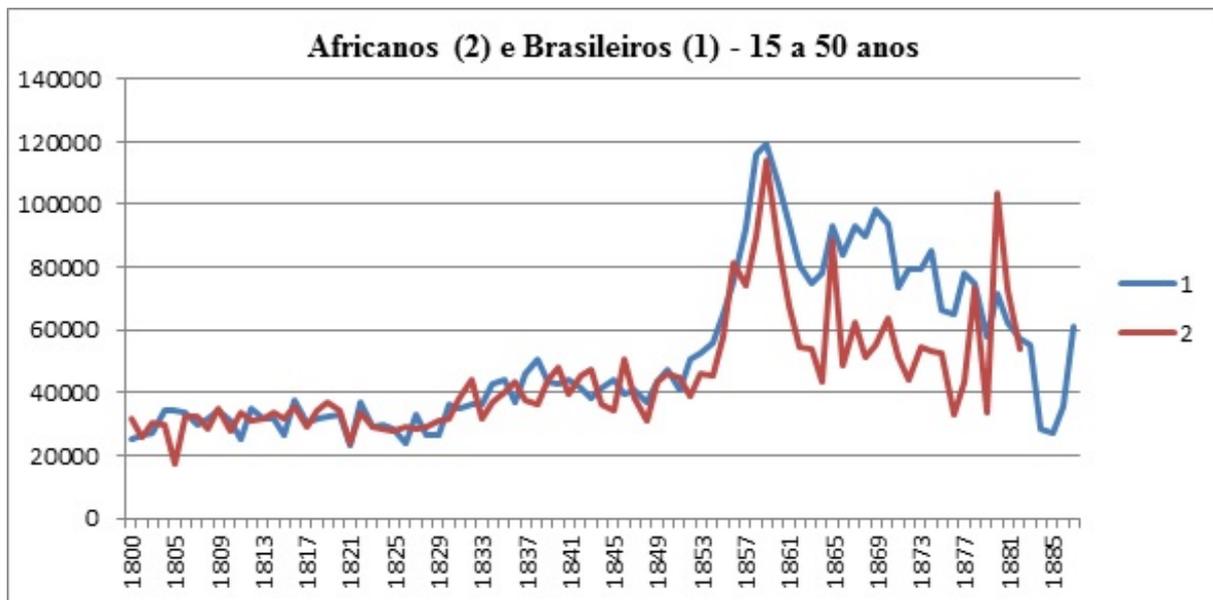
O gráfico acima aponta um paralelismo de preços interessante entre as duas categorias em questão. Até 1844, os preços dos africanos são um pouco maiores, porém com uma evolução parecida com o grupo brasileiro ao longo do tempo. A partir desse ano e até 1862, o valor médio dos dois grupos se iguala, passando inclusive pelo período de

expansão da produção açucareira em patamar muito próximo. Logo após esse período, os preços dos cativos nativos das terras brasileiras aparecem sendo substancialmente maiores em relação ao outro grupo.

O resultado acima é ainda mais interessante por mostrar que na primeira metade do século XIX o preço dos escravos de origem estrangeira está em patamar superior. Isso poderia ocasionar a dúvida se a preferência por escravos brasileiros realmente existia. Todavia, esse fenômeno parece ser causado por uma questão etária: os africanos mais novos chegavam ao território brasileiro por volta do início da idade produtiva¹. Por outro lado os escravos brasileiros eram, obviamente, criados desde seu nascimento em sua terra natal. Dessa maneira, sabendo-se que os preços dos escravos tendiam a crescer até que fosse atingida a fase de maturidade (considerada aqui como dos 15 aos 35 anos), é natural que a média dos africanos seja superior devido a essa chegada em território brasileiro já mais velhos.

Portanto, a partir desse ponto, optou-se por trabalhar neste texto com a amostra de escravos na faixa etária entre 15-50 anos, na tentativa de filtrar essas distorções. Logo abaixo, segue-se o gráfico comparativo entre africanos e brasileiros, mas dessa vez considerando apenas a faixa de idade mencionada.

Figura 10 – Gráfico: Histórico de preços de escravos: Africanos x Brasileiros, dos 15 aos 50 anos.



Fonte: inventários. Elaboração própria. A classificação dos inventários indica a utilização do número 1 para os escravos brasileiros e o número 2 para os escravos estrangeiros.

¹ Como mencionado mais cedo, provavelmente por volta dos 7-8 anos se dava o início do trabalho, quando os senhores já designavam as respectivas tarefas aos escravos mais novos. É razoável, portanto, pensar que os africanos mais novos chegavam ao solo brasileiro não antes dessa idade

É curioso contrapor a série histórica comparativa dos Gráficos 8 e 9 com os resultados obtidos na tabela 1. Percebe-se que o preço médio de ambos os grupos em cada ano da série histórica apresentam valores próximos, como analisado no parágrafo acima. Todavia, a tabela comparativa (tabela 1) mostra uma grande diferença entre os dois grupos na média agregada do século, tanto para o trabalho doméstico não qualificado quanto para serviços no campo também sem qualificação. Desse modo, essa segmentação parece confirmar a argumentação sobre o fato de que a expansão do açúcar a partir de 1850 teve um peso maior na média de preços dos escravos brasileiros por esses representarem maior proporção à época desse fato.

No entanto, para entender melhor essa questão, a saída encontrada foi dividir a comparação de preços em dois períodos: 1800-1849 e 1850-1888. A ideia de fazer essa divisão é evitar que a expansão do açúcar afete as médias de preço de maneira desigual entre os grupos.

Tabela 8 – Preços dos escravos africanos x brasileiros (15 a 50 anos), para o período entre 1800-1849 e 1850-1888. Em Libras.

	Ano	Africanos homens	Africanos mulheres	Brasileiros homens	Brasileiros mulheres
1	1800-1849	35.705,9 (2261)	31.700,1 (985)	36.852,4 (710)	34.578,1 (712)
2	1850-1888	66.769,6 (540)	54.418,4 (289)	82.620,8 (1565)	69.686 (1628)

Elaboração própria. Fonte: Inventários. Em parênteses se encontram o número de observações.

Os resultados obtidos na tabela 8 confirmam a suspeita inicial. Ao evitar que a expansão açucareira tenha influenciado em maior grau a média de preço do grupo brasileiro, cujo sua maior amostra está concentrada justamente após 1850, nota-se que em cada período a divergência no valor entre ambos os grupos não é mais tão grande assim como apontado em primeiro momento.

Todavia, foram encontrados dois resultados que podem ser mais bem aprofundados. Em primeiro lugar, para o período entre 1800-1849 o preço médio dos brasileiros para a faixa etária escolhida aparece em nível mais alto, tanto para os homens quanto para as mulheres². Em segundo lugar, entre 1850 e 1888 nota-se o valor relativo dos escravos brasileiros ainda mais alto no comparativo com o período anterior, (apesar de que essa diferença não é tão gritante como na tabela 1 - por conta dos motivos já citados).

Para o primeiro ponto, o resultado parece estar de acordo com a teoria, que tem sempre apontado para uma preferência dos senhores por escravos brasileiros. Dessa

² O teste de diferença de médias entre 1800-1849 permite afirmar que com 5% de significância para homens e a 1% para as mulheres que os brasileiros eram de fato mais caros.

maneira a diferença significativa de valor entre escravos africanos e brasileiros para 1800-1849, na faixa etária selecionada, seria um indicativo dessa disposição maior a pagar por trabalhadores brasileiros.

Todavia, antes de confirmar essa afirmação, pode ser interessante investigar se isso foi um fato generalizado ou algo que aconteceu apenas em determinada região e acabou por influenciar os resultados obtidos. Portanto, uma evidência mais precisa sobre a existência de preferência por brasileiros em detrimento de cativos advindos do continente africano pode ser obtida segmentando os dados para cada uma das regiões.

Tabela 9 – Preços dos escravos africanos x brasileiros, para o período entre 1800-1849, por região e sexo na faixa etária de 15-50 anos. Em Libras.

	Faixa Etária	Africanos homens	Brasileiros homens	Africanos mulheres	Brasileiros mulheres
1	Zona da Mata	35.562,1 (1.110)	38.885,9 (369)	31.490,2 (420)	34.454,6 (348)
2	Recife	38.030,2 (446)	37.068,0 (55)	32.891,4 (280)	42.600,1 (270)
3	Agreste	35.479,9 (591)	35.556,0 (144)	31.756,3 (220)	35.857,4 (166)
4	Sertão	29.183,6 (114)	32.799,2 (142)	28.168,9 (64)	29.482,7 (134)

Elaboração própria. Fonte: Inventários. Em parênteses se encontram o número de observações.

Os resultados compilados na tabela acima mostram que na Zona da Mata e no Sertão os escravos brasileiros homens eram de fato mais caros em relação aos cativos africanos do mesmo sexo, sendo essa diferença significativa a um nível de 1%. Ainda no comparativo entre esses dois grupos, nota-se que os brasileiros também têm valor marginalmente maior no Agreste (todavia, esse resultado não possui significância estatística). Por fim, apesar de em Recife os africanos serem apontados como levemente mais valorizados, essa relação é rejeitada estatisticamente.

Já em relação aos resultados obtidos no comparativo feminino, o grupo formado pelas escravas brasileiras aparece em todas as regiões com o preço médio mais elevado em relação ao grupo africano do mesmo sexo, sendo essa diferença significativa a 1%, com a exceção da região sertaneja – na qual não a diferença estatística.

Portanto, os resultados aqui obtidos indicam fortemente a existência de uma preferência por cativos brasileiros por parte dos senhores. Essa conclusão empírica reflete a teoria discutida no início do capítulo 2, a qual afirma que realmente existia essa preferência. Tal preferência, então, explicada em especial pela maior facilidade de comunicação com os escravos brasileiros, estes falantes da língua portuguesa do que com aqueles de origem estrangeira, bem como maior adaptabilidade ao meio de trabalho de tal grupo.

Retomando a tabela anterior, no que tange à questão levantada em relação ao

período entre 1850 e 1888, os dados apontam uma diferença de preço médio de quase 15 mil libras para os homens e de 14 mil libras para as mulheres. Além disso, a própria série histórica presente no gráfico do início da seção aponta que principalmente a partir de 1860 começa a existir uma significativa discrepância de preço entre os escravos africanos e os escravos brasileiros. No entanto, esse fato parece ser explicado quase em sua totalidade pela diferença de idade entre os dois grupos.

Como o tráfico transatlântico foi oficialmente extinto com a Lei Eusébio de Queiroz em 1850, a entrada de cativos africanos cessou. Desse modo, naturalmente a média de idade desse grupo só cresceu até 1888, à medida que os africanos ainda presentes em território nacional envelheciam. Por outro lado, até 1871 – quando promulgada a Lei do Ventre Livre – o grupo de escravos brasileiros teve sua média sempre mantida mais baixa pelo nascimento de novos cativos. Calculando-se a média de idade por sexo e grupo para esse período obteve-se que a idade média presente nos inventários para os africanos foi de 46 e 47 anos para os homens e mulheres, respectivamente. Fazendo os mesmos cálculos para o grupo brasileiro, foi encontrada uma média de 20 anos de idade para os cativos do sexo masculino e 21 anos para as do sexo feminino.

Ademais, calculando-se a média de idade pós 1850 considerando apenas a faixa etária escolhida de 15 a 50 anos, os resultados também convergem para a mesma conclusão: para o grupo estrangeiro resultou-se em uma média de 39 anos para ambos os sexos, enquanto para o grupo brasileiro o resultado encontrado foi de 27 anos, também tanto para homens quanto para mulheres. Em outras palavras, mesmo para a faixa etária escolhida, a média de idade do grupo africano é substancialmente maior.

Dessa maneira, por ser em média bem mais velhos nesse período no comparativo com os escravos brasileiros, isso se refletiu em preços menores para esse grupo. O resultado é claro: como os preços dos escravos podem ser entendidos como uma função da sua expectativa produtiva ao longo da sua vida (ou vida útil), estes escravos já fora de sua faixa de idade mais produtiva tenderiam a de fato terem os preços mais baixos que os brasileiros nessa amostra.

5 Abordagem Adicional

Na tentativa de explicar algumas questões relacionadas aos preços dos escravos, até aqui este trabalho apresentou um estudo baseado na segmentação dos dados. Nessa seção propõe-se uma abordagem paralela, na tentativa de dar maior robustez às conclusões do estudo.

Visto isso, estimou-se o seguinte modelo de regressão linear:

$$\text{valor_libra} = \beta_0 + \beta_1 \text{codigo_sexo} + \beta_2 \text{idade} + \beta_3 \text{acucar_demanda} + \beta_4 \text{agreste} + \beta_5 \text{sertao} + \beta_6 \text{recife} + \beta_7 \text{codigo_origem} + \beta_8 \text{codigo_atividade} + \beta_9 \text{n_plantel}$$

Onde a variável *valor_libra* é o valor em libra dos escravos; *codigo_sexo* é uma *dummie* que assume o valor 1 se o escravo for do sexo feminino e 0 se for do sexo masculino; *idade* representa a idade em anos dos cativos; *acucar_demanda* é uma *dummie* que assume o valor 1 no período entre 1850-1871 e 0 para os anos anteriores ou posteriores a esse intervalo; *agreste*, *sertao* e *recife* são *dummies* que assumem 1 se o escravo pertencer a região ou 0 se não pertencerem. Os escravos da Zona da mata recebem 0 em todas essas variáveis; *codigo_origem* recebe 1 se o escravo é de origem africana e 0 se brasileiro; *codigo_atividade* recebe 1 se o escravo pertence ao grupo de serviço doméstico (não qualificado) e 0 caso pertença ao grupo de serviço de campo (não qualificado). A variável *n_plantel* representa o número de cativos pertencentes ao mesmo plantel relativo a observação.

Cabe ressaltar a escolha da variável *acucar_demanda* no modelo, como uma tentativa de controlar o aumento de preços dos escravos devido à expansão açucareira neste período. Desta forma, para esse período de 1850 até 1871 a variável recebe o valor 1, para captar o elevado aumento concomitante no preço dos escravos. Dessa forma, os resultados obtidos com a estimação do modelo estão colocados na tabela da próxima página.

Os resultados apresentados apresentam boa concordância com a abordagem inicial do artigo, apontando relação consistente com as outras abordagens presentes no artigo. Cabe perceber que a regressão também indica que, tudo o mais constante, o preço das escravas era relativamente mais baixo em relação ao dos homens.

Outro ponto interessante do modelo estimado é o indício de preferência por escravos brasileiros. Tal resultado aparece em linha com a discussão apontada no capítulo anterior.

Tabela 10 – Resultados da estimação do modelo.

	<i>Dependent variable:</i>
	valor_libra
codigo_sexo1	−4,850.500*** (1,171.452)
idade	−568.725*** (40.915)
acucar_demanda1	32,722.150*** (1,473.082)
agrestel1	−10,409.320** (4,233.182)
sertao1	−8,396.639** (3,805.124)
recife1	−4,484.864*** (1,368.801)
codigo_origem1	−17,659.420*** (1,217.885)
codigo_atividade1	−306.130 (1,290.685)
n_plantel	−42.950*** (8.262)
Constant	76,746.100*** (1,785.253)
Observations	2,109
R ²	0.408
Adjusted R ²	0.406
Residual Std. Error	24,753.620 (df = 2099)
F Statistic	160.892*** (df = 9; 2099)
<i>Note:</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01

Fonte: inventários.

6 Conclusão

Em face do exposto, o estudo realizado procurou aprofundar o conhecimento sobre o comportamento de preços dos escravos ao longo do século XIX, em Pernambuco. O foco principal foi em estudar as diferenças e preferências por gênero e por origem dos escravos, isto é, um trabalho comparativo de preços entre: i) homens e mulheres escravos e ii) africanos e brasileiros.

Assim, em relação ao tópico voltado à discussão sobre gênero dos escravos, o desenvolvimento do artigo apontou para algumas direções que merecem ser ressaltadas. Em primeiro lugar, o estudo indicou que, olhando para o grupo de escravos brasileiros, existiram diferenças substanciais no preço dos cativos entre os sexos, dependendo do período estudado e tipo de atividade exercida.

Por exemplo, especialmente após a expansão da demanda mundial por açúcar pós 1850, a diferença no valor entre os sexos chegou a mais de 25% para os serviços não qualificados no campo. Esse e os demais resultados, mostrando que a expansão do açúcar teve um efeito mais forte no preço dos homens, é um indicativo da existência de preferência dos senhores por determinado sexo, a depender da atividade exercida e contexto econômico. Portanto, juntando-se as evidências de outros estudos (por exemplo: Versiani, Vergolino e Nogueról, (2016)), cria-se um indício adicional da preferência pelo gênero dos escravos.

Em segundo lugar, a tentativa de aprofundamento teórico, especialmente na seção 4.1, também se aproxima de concluir pela ideia de existência de preferência por gênero dos escravos. Tentou-se mostrar que mesmo com as condições diferentes de oferta em território africano para homens e mulheres e ainda caso houvesse preços parecidos para estes dois grupos (este último ponto rejeitado pelo presente estudo), ainda assim seria plenamente possível a existência de preferências diferentes por parte dos senhores de escravos.

Ademais, o desenvolvimento desse trabalho apontou para uma utilização diferente dos escravos domésticos a depender da região em que viviam. Na Zona da Mata, é possível que tenha existido uma utilização dessa mão de obra além da casa-grande, isto é, com a presença de escravos do meio doméstico também na lavoura, especialmente nos períodos de elevada demanda por açúcar, enquanto Recife possuía uma escravidão de caráter urbano possivelmente sem outro uso dos escravos além das atividades doméstica.

Além disso, as tarefas domésticas dos cativos do sexo masculino certamente eram diferentes daquelas exercidas pelas mulheres, com essa divergência possivelmente ainda maior na Zona da Mata do que em Recife. Por exemplo, um cativo do sexo masculino designado como trabalhador doméstico sem qualificação poderia trabalhar na Casa-Grande e ao mesmo tempo trabalhar na lavoura e até mesmo no transporte de cargas, passando

pela lavoura e pela casa-grande. Como citado anteriormente, tarefas considerada pesadas, de esforço intensivo e exercidas fora do ambiente interno das casas eram provavelmente exercidas pelos escravos do sexo masculino: serviços de rua, trabalhos com carruagens, entre outros, são serviços domésticos que exemplificam essa situação. Por sua vez, as escravas de modo mais provável se mantinham encarregadas do ambiente doméstico interno.

Quanto ao debate entre a existência de preferência por brasileiros ou africanos, o estudo apontou para confirmar essa suspeita. Os testes realizados para as quatro regiões presentes nos inventários, tanto para os homens quanto para as mulheres nas faixas de idade produtivas, evidenciam uma possível existência dessa preferência. A regressão estimada como abordagem adicional também indicou conclusão semelhante pela preferência por escravos nascidos no Brasil.

7 Apêndice

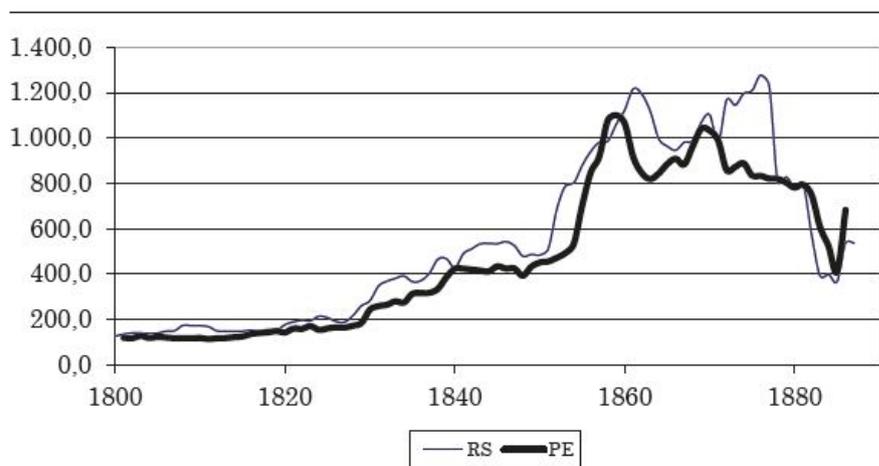
Figura 11 – Gráfico: Histórico de preços dos escravos em Libras Esterlinas



Fonte: inventários. Elaboração própria.

Figura 12 – Gráfico: Histórico de preços dos escravos em contos de réis

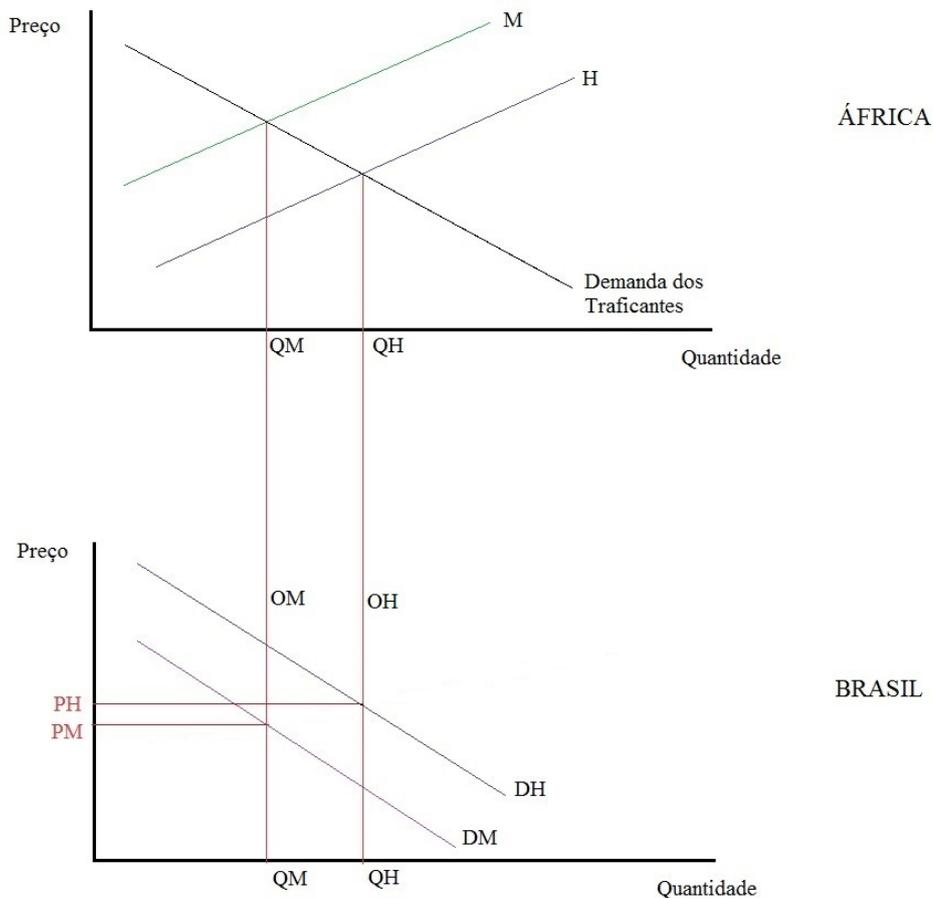
Gráfico 3.1: Pernambuco e Rio Grande do Sul: preços médios de escravos homens, sadios, de 15 a 40 anos, 1800-1888 (Preços em contos de réis)



Fonte: amostras de inventários do projeto

Fonte: (MARCONDES *et al.*, 2016; p. 89)

Figura 13 – Gráfico: Relação oferta e demanda por escravos: África e Brasil



Fonte: inventários. Elaboração própria.

M: Oferta de mulheres escravas em território africano

H: Oferta de homens escravos em território africano

Demanda dos traficantes: Curva de demanda dos traficantes de escravos responsáveis pelo transporte transatlântico.

OH: Oferta de escravos homens no Brasil

OM: Oferta de escravas no Brasil

DM: Demanda dos senhores brasileiros por escravas

DH: Demanda dos senhores brasileiros por escravos homens

QM: Quantidade de escravas

QH: Quantidade de escravos homens

PM: Preços das escravas no Brasil

PH: Preço dos escravos homens no Brasil

8 Referências

- CONRAD, Alfred H.; MEYER, John R. *The Economics of Slavery in the Ante Bellum South*. Journal of Political Economy, v. 66, n. 2, p. 95-130, 1958.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Senzala à Colônia*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966.
- EISENBERG, Peter L. *The Sugar Industry in Pernambuco, 1840-1910; Modernization without Change*. Berkeley: University of California Press, 1974.
- ELTIS, David; ENGERMAN, Stanley L. *Was the slave trade dominated by men?*. The Journal of Interdisciplinary History, v. 23, n. 2, p. 237-257, 1992.
- KLEIN, Herbert S. *African Women in the Atlantic Slave Trade*. In: ROBERTSON, Claire C. KLEIN, Martin A. (Ed.). *Women and Slavery in Africa* obs.
- KLEIN, Herbert S. *African Slavery in Latin America and the Caribbean*. Oxford: Oxford University Press, 1986.
- KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2002.
- LOVEJOY, Paul E.; RICHARDSON, David. *Competing markets for male and female slaves: prices in the interior of West Africa, 1780-1850*. The International journal of African historical studies, v. 28, n. 2, p. 261-293, 1995.
- LUNA, Francisco Vidal Herbert S. KLEIN. *Slavery in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009
- MARCONDES, Renato Leite; VERSIANI, Flávio Rabelo; NOGUERÓL, Luiz Paulo Ferreira; VERGOLINO, José Raimundo Oliveira. *Inter-relações econômicas e trabalho escravo: Maranhão, Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Sul* In: VERSIANI, Flávio R. Luiz Paulo NOGUERÓL (orgs.). *Muitos Escravos, Muitos Senhores; Escravidão Nordestina e Gaúcha no Século XIX*. São Cristovão: Editora UFS; Brasília: Editora UnB, 2016.
- Moura Filho, Heitor. (2006). *Taxas cambiais do mil-réis(1795-1913)*. University Library of Munich, Germany, MPRA Paper.
- NOGUERÓL, Luiz Paulo Ferreira; VERSIANI, Flávio Rabelo; VERGOLINO, José Raimundo Oliveira. *Estrutura de posse de escravos em Pernambuco*. In: VERSIANI, Flávio R. Luiz Paulo NOGUERÓL (orgs.). *Muitos Escravos, Muitos Senhores; Escravidão Nordestina e Gaúcha no Século XIX*. São Cristovão: Editora UFS; Brasília: Editora UnB, 2016.

STEIN, Stanley J. *Vassouras; a Brazilian Coffee County, 1850-1900*. Cambridge: Harvard University Press, 1957.

VERSIANI, Flávio Rabelo; VERGOLINO, José Raimundo Oliveira. Preços de escravos e racionalidade econômica. In: VERSIANI, Flávio R. Luiz Paulo NOGUERÓL (orgs.). *Muitos Escravos, Muitos Senhores; Escravidão Nordestina e Gaúcha no Século XIX*. São Cristovão: Editora UFS; Brasília: Editora UnB, 2016.

VERSIANI, Flávio Rabelo; VERGOLINO, José Raimundo Oliveira; NOGUERÓL, Luiz Paulo Ferreira. Escravos e escravas: havia preferência por gênero entre os proprietários escravistas? In: VERSIANI, Flávio R. Luiz Paulo NOGUERÓL (orgs.). *Muitos Escravos, Muitos Senhores; Escravidão Nordestina e Gaúcha no Século XIX*. São Cristovão: Editora UFS; Brasília: Editora UnB, 2016.